



OS TEMPOS DO SUJEITO DO INCONSCIENTE

a psicanálise no seu tempo e o tempo na psicanálise

V Encontro da IF - EPFCL • São Paulo - Brasil - 5 e 6 de Julho de 2008

O tempo do analista

Ana Martínez Westerhausen
Tradução: Luis Guilherme Mola

Nos tempos atuais, tão pouco inclinados ao reconhecimento e consideração pelo sujeito do inconsciente, me parece necessário cuidar da função do analista, para que dure, para que não defínhe, para que não se transforme em algo indesejável ou insuportável. Pois, se é bem certo que Lacan manifestou, explicitamente e com razões fundamentadas, que podia prescindir dos psicanalistas, mas não da psicanálise, não é menos certo que não pode haver discurso psicanalítico sem analistas atravessados pelo desejo do psicanalista. É por isso que uma reflexão sobre o tempo do analista parece oportuna.

A que nos referimos com o sintagma “tempo do analista”?

Em primeira instância à administração do tempo real de que dispõe o analista. Entre colegas freqüentemente se escuta dizer “estou esgotado...não paro...não me resta nem um minuto para os meus assuntos etc.”, o que evoca o analista hiper-ocupado, que consome quase todo seu tempo em atividades psicanalíticas: atendimento de pacientes, docência, tarefas institucionais etc., e que no entanto resiste a recusar novas demandas e ofertas que lhe exigem ainda mais tempo. Analista viciado em psicanálise? Analista que, tomado pelo discurso capitalista, não pode deixar de produzir? Analista onipotente?

Estamos acostumados a responder que é a causa analítica que determina o uso que damos ao tempo de que dispomos, como se isso desse uma garantia maior à existência do desejo do analista. Mas nada implica que a dedicação exclusiva à psicanálise seja o que mais convenha ao discurso analítico.

Ella Sharpe, citada por Lacan em A direção do tratamento, escreve em O analista. Requisitos essenciais para a aquisição da técnica, o seguinte: “O trabalho do analista é ver o inconsciente em ação. Por essa razão, o analista necessita às vezes afastar-se de sua tarefa e abandonar o tema do inconsciente em sua vida diária e na de seus próximos, onde vale a totalidade de sua personalidade. O pensamento, a arte, a literatura, as relações de amizade, o psicanalista necessita ver e viver a vida como uma totalidade, como um corretivo do ângulo especial que exige seu trabalho.”

Em uma segunda instância, “o tempo do analista” pode ser tomado desde a perspectiva do uso ou manejo do tempo que cada analista faz na direção de uma cura analítica.

Dentro dessa concepção me interessa destacar o contraste que se descobre no ensino de Lacan entre, de um lado, a teorização e promoção das sessões curtas, baseando-se em que a anulação dos “tempos de compreender” em favor dos “momentos de concluir”, “...precipita a meditação do sujeito em direção ao sentido que há de decidir-se do acontecimento original” (1954, Função e campo da palavra e da linguagem). E, por outro lado, a capacidade de espera, necessária ao analista para sustentar a dimensão de objeto. Pois, como é sabido, há ocasiões em que é necessário um longo silêncio para que emerja a presença do analista, acompanhada muitas vezes do afeto de angústia.

Se a sessão curta remete ao corte da sessão, e portanto a um recorte de tempo decidido pelo analista, favorecer a emergência da angústia implica, muitas vezes, capacidade de espera e de não intervenção, dar tempo ao sujeito para que se manifeste a presença efetiva do desejo em sua face mais real.

Parafrazeando a expressão de Lacan “A arte de escutar quase equivale a do bem dizer” (Seminário XI cap.X A presença do analista),, poderíamos formular que “a arte de esperar equivale quase a do bem fazer”, de onde se conclui que um ato pode ocorrer paradoxalmente sem ação, assim como um discurso pode sê-lo sem palavras.

Por outro lado, se o tempo lógico surge do tempo da rememoração, e por isso dentro do marco do simbólico, o tempo de espera surge da experiência da angústia, isto é da incursão dentro do registro do real.

Assim pois, se pode concluir que ao analista convém ter ritmo e saber dançar tanto lenta quanto rapidamente, enlaçando-se com seu parceiro-analisante, para em alguns momentos conduzi-lo no baile e em outros deixar-se levar por ele.

PRELIMINARES

Visando preparar as discussões e debates que acontecerão no Vº Encontro Internacional da IF-EPFCL, a Comissão Científica Internacional convidou psicanalistas membros da Escola a publicar, uma vez por mês, textos curtos, procurando suscitar interlocuções e estimular questionamentos, enriquecendo, dessa maneira, as intervenções que terão lugar em julho/2008.

Preliminares	Autor(a)
1. Os tempos do sujeito do inconsciente	Dominique Fingermann
2. Do tempo	Daniela Scheinkman Chatelard
3. Agora nosso Tempo	Ramon Miralpeix
4. Em prelúdio	Bernard Nominé
5. Perante o sintoma todo relógio é mole	Antonio Quinet
6. A transferência é a intrusão do tempo de saber do inconsciente	Lydia Gómez Musso
7. O manejo do tempo	Gabriel Lombardi
8. O evasivo do inconsciente e a certeza do parlêtre	Marc Strauss
9. A psicanálise em seu tempo	Christian Dunker
10. O Inconsciente e(é) o tempo	Sidi Askofaré
11. Tempo: Lógica e Sentimento	Sol Aparício

ATENÇÃO Membros da IF-EPFCL

Lembrem-se de incluir em sua programação as datas dos debates e assembléias (04/07 – a partir da 13h00, 07 e 08/07/08) em suas reservas.



Internacional dos Fóruns - Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano
www.vencontro-ifepfcl.com.br • vencontroifepfcl@gmail.com